

**A DUPLA NATUREZA DE CRISTO NA OBRA
“O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO”,
DE JOSÉ SARAMAGO**

**The double nature of Jesus Christ in the work "The Gospel
according to Jesus Christ", by José Saramago**

Fladmar Vieira Barbosa Júnior*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3298550795046317>

RESUMO: Nesta pesquisa, apresentamos o personagem histórico Jesus Cristo dentro da obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. A fim de compreender este Messias, procedemos, através de uma metodologia bibliográfica, às seguintes etapas: primeiro, analisamos algumas fontes históricas sobre sua existência. Segundo, refletimos nos aspectos filosóficos pertinentes à sua revelação humana. Terceiro, fizemos uma análise literária a partir de algumas obras, entre elas o livro escrito por Saramago. Logo, concluímos que sua trajetória em vida o categoriza como um dos maiores personagens da História.

Palavras-chave: Evangelho; Dupla natureza; Filosofia; Literatura.

ABSTRACT: In this research, we present the historical character Jesus Christ within The Gospel According to Jesus Christ by Joseph Saramago. To understand this Messiah, we proceed, through a bibliographic methodology, to the following steps: first, we analyze some historical sources about its existence. Second, we reflect on the philosophical aspects pertaining to his human revelation. Third, we made a literary analysis from some works, including the book written by Saramago. Soon, we conclude that his life trajectory categorizes him as one of the greatest characters in history.

Keywords: Gospel; Double nature; Philosophy; Literature.

* Mestrando em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. Graduado em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Contato: fvbj.mla20@uea.edu.br.

INTRODUÇÃO

Para analisarmos o personagem Jesus Cristo na obra saramagiana, é necessário entendermos quem ele foi dentro de um fidedigno contexto histórico, além de nos aprofundarmos nas análises feitas por diversos teóricos em matérias distintas, como a história, por exemplo, conforme feito na primeira seção deste trabalho, a fim de entender se a existência de Jesus foi verídica e qual a descrição dos relatos a seu respeito. Numa segunda seção, analisaremos a divindade de Jesus dentro de uma perspectiva filosófica, estabelecendo contrapontos entre o que foi expresso por Ben Witherington (1951-) na obra *Em Defesa de Cristo*, além dos aspectos filosóficos acerca da *kenosis* de Jesus, com base na obra *Monstruosidade de Cristo*, escrita pelo filósofo esloveno Slavoj Zizek (1949-) e pelo teólogo britânico John Milbank (1952-). Por fim, chegaremos ao cerne deste trabalho, a partir da obra escrita pelo português José Saramago (1922-2010), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, na qual o autor elabora uma visão de Jesus que se distingue dos quatro Evangelhos. O nosso enfoque nesta parte é mostrar essa visão saramagiana em detalhes, de forma a analisar o intimismo que o autor diz assumir acerca do Salvador. Logo, este trabalho é importante para que, dentro dos panoramas feitos em diversas áreas, compreendamos a obra realizada pela pessoa de Jesus Cristo em sua passagem pela terra.

Podemos perceber a extensão deste legado quando vemos que 60 atores, em toda a história dos cinemas, personificaram o Messias cristão dentro das quatro telinhas. Desde nomes desconhecidos pelo público até galãs da época, esse extenso rol de nomes representou o maior personagem da história oriental e ocidental. Por exemplo, o ator americano Jeffrey Hunter (1926-1969), nos anos 60, era um dos homens mais bonitos da época quando protagonizou Jesus no aclamadíssimo filme *O Rei dos Reis*. Outro que se destacou interpretando Jesus nos cinemas foi o também americano James Caviezel (1968-), no filme *A Paixão de Cristo*, que foi muito elogiado pela crítica por incorporar de maneira tão dura o sofrimento do Cristo na cruz. Outros filmes, desde épicos até comédias sobre a história de Jesus, também foram determinantes na representação multifacetada do Homem-Deus cristão. Entretanto, é primordial destacar o filme *A Última Tentação de Cristo*, dirigido por Martin Scorsese (1942-) no ano de 1988. O que marca a importância de tal obra cinematográfica é a representação do Cristo, bem próxima do que foi apresentado por José Saramago em sua obra, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Tal caracterização gerou muitas críticas negativas por parte do público, já acostumado com

versões em que Jesus é apresentado como um personagem pleno, certo da missão na Terra e, mesmo que pedisse ao Pai no Getsemâni o fim de tal sofrimento, o Messias cristão, no fim das contas, aceitava a vontade de Deus sobre ele. O que foi apresentado na obra de Nikos Kazantzakis (1883-1957) é que Jesus queria viver a vida de um homem comum. Tais sentimentos são estudados na obra do psiquiatra austríaco Carl Jung (1875-1961), *A natureza da Psique* (1960). Neste livro, o autor faz uma abordagem sobre a Teoria dos Arquétipos, ou seja, a dualidade da alma humana, onde Bem/Mal, Luz/Trevas e Verdade/Mentira estão sempre duelando entre si, sem haver um lado a ser escolhido. Nem Jesus, o Cordeiro perfeito, escapa de tal batalha. Além disso, percebemos uma certa influência das teorias de Freud (1856-1939) sobre o ego (princípio da realidade) e o id (princípio do prazer) na composição messiânica elaborada por Kazantzakis, além da inversão de papéis em que Judas representa o superego (cumprimento do dever). Por último, vale destacar no elenco do filme as participações de David Bowie (1947-2016) como Pôncio Pilatos e Harry Dean Stanton (1926-2017), fazendo o papel do apóstolo Paulo. Por isso, tal produção literária de Kazantzakis que virou filme em 88 com Scorsese se aproxima bastante do escrito por Saramago, uma vez que as relações de duplo estão no enfoque desta análise e são traços comuns entre ambas as obras, *A Última Tentação de Cristo* e *Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Portanto, após essa prévia abordagem acerca da vida do personagem Jesus em meio a tantas pinturas, livros e filmes, é inevitável concluir que ele foi muito importante para o desenrolar da história ocidental, principalmente por conta da divisão dos períodos históricos em antes de Cristo (a.C.) e depois de Cristo (d.C.). Entretanto, um fato que ainda intriga alguns historiadores são as diferenças na escrita dos relatos evangelísticos, pois alguns episódios apresentados no Evangelho de Mateus não são abordados no Evangelho de Lucas, algo que o jornalista Lee Strobel perguntou na entrevista ao professor Craig Blomberg (1955-). Logo, para que possamos verificar tais argumentos, é necessário entendermos como tais relatos evangelísticos foram construídos e como eles se relacionam entre si, a fim de estabelecermos se existe uma veracidade nos relatos históricos apresentados pelos textos bíblicos.

1. A NARRATIVA SOBRE JESUS CRISTO: MITO OU REALIDADE?

Existem inúmeras fontes que comprovam a vinda do Messias Cristão à Terra. Segundo muitas tradições cristãs, os Evangelhos foram escritos por testemunhas oculares que estiveram com Jesus (Mateus e João) quanto por pessoas que apareceram posteriormente, mas que tiveram contato com testemunhas oculares (Marcos e Lucas). O professor Craig Blomberg, em entrevista a Lee Strobel no livro *Em defesa de Cristo*, afirma que:

Mateus publicou entre os hebreus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundaram a Igreja. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava. Por sua parte, Lucas, o companheiro de Paulo, punha num livro o evangelho pregado por ele. E depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que tinha recostado a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia (STROBEL, 2001, p. 28.).

Logo, os textos bíblicos, além de apontar claramente quem são os autores desses livros, nos apresentam uma narrativa acerca da vida de Jesus. Entretanto, para Karen Armstrong (1944-), a distância entre o acontecimento dos fatos e os escritos é um problema. Com base nisso, ela afirma em sua obra *A History of God* que:

Sabemos muito pouco sobre Jesus. O primeiro relato mais abrangente sobre sua vida aparece no evangelho segundo São Marcos, que só foi escrito por volta do ano 70, cerca de 40 anos depois de sua morte. Àquela altura, os fatos históricos achavam-se misturados a elementos míticos que expressavam o significado que Jesus havia adquirido para seus seguidores. É esse significado, basicamente, que o evangelista nos apresenta, e não uma descrição direta e confiável (ARMSTRONG, 1994, p.79).

Uma vez que tais afirmações foram desenvolvidas, Blomberg afirma, em resposta, que:

As duas biografias mais antigas de Alexandre, o Grande, foram escritas por Ariano e Plutarco depois de mais de 400 anos da morte de Alexandre, ocorrida em 323 a.C., e mesmo assim os historiadores as consideram muito confiáveis. É claro que surgiu um material lendário com o decorrer do tempo, mas isso só aconteceu nos séculos posteriores aos dois autores. Por outras palavras, nos primeiros 500 anos, a história de Alexandre ficou quase intacta. O material lendário começou a aparecer nos 500 anos seguintes. Portanto, comparativamente, é insignificante saber se os evangelhos foram escritos 60 ou 30 anos depois da morte de Jesus. Na verdade, a questão praticamente inexistente (STROBEL, 2001, p. 37).

Portanto, é possível afirmar, segundo as melhores tradições, que os relatos pertinentes à origem de Jesus em Nazaré, seu ministério, sua morte e sua ressurreição são verdadeiros, tornando tais narrativas como suficientes para provar que Jesus é o Filho de Deus e o Messias prometido aos judeus durante toda a história do Antigo Testamento. Mas por que dar tal crédito a Jesus, uma vez que este é descrito como Filho do Homem? Não seria a prova da não-divindade? A partir do que Karen Armstrong cita na obra que mencionamos anteriormente, a resposta é sim, pois tal alcunha indica a fraqueza e mortalidade da condição humana, apresentando Jesus como um ser humano frágil que um dia teria de padecer e morrer. Entretanto, os professores Craig Blomberg e o apologeta William Lane Craig (1949-), em entrevistas à Strobel, ressaltam que tal título não quer dizer isto e usam como argumento de defesa uma profecia de Daniel, em que o profeta bíblico afirma o seguinte:

Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do ancião e foi conduzido à sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p.899).

Tal título afirma que o Filho do Homem viria para julgar o mundo e reinar para todo o sempre. A partir das falas apresentadas por Karen Armstrong e pelos demais pensadores, as autodenominações que Jesus aplica para si são de tamanho poder, honra e glória vindas do céu. Entretanto, a interpretação dada pelos autores é distinta, pois, enquanto Armstrong coloca em dúvida a crença sobre a divindade de Jesus, os autores entrevistados por Strobel apresentam evidências contundentes, provando que Jesus é o Filho de Deus prometido por Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um Filho, que será chamado Emanuel” (Ibid, 2011, p. 715).

Logo, este panorama histórico que fizemos tem o intuito de ressaltar o que foi dito por teóricos acerca deste personagem histórico, pois, através de tais relatos, não é mais possível colocar em dúvida a existência de Jesus como um ser humano. Entretanto, o questionamento que ainda paira sobre a pessoa de Jesus é este: ele realmente era o Messias prometido para salvação da humanidade? É possível que um ser seja humano e divino ao mesmo tempo?

2. JESUS CRISTO COMO FILHO DE DEUS

Para Ben Witherington, outro teórico entrevistado por Lee Strobel na obra *Em Defesa de Cristo*, a resposta para esta pergunta é sim. O autor prossegue na entrevista apontando alguns fatores como preponderantes para que possamos confirmar a humanidade e a divindade de Jesus Cristo. O primeiro destes é de que os judeus não conheciam a trindade divina, apenas Javé (Deus Pai). Então, se alguém alegasse ser o Filho de Deus, tal pessoa estaria cometendo crime de blasfêmia, com condenação à morte. Por isso, Jesus se aproveitava dos relacionamentos com as pessoas, além de adotar ensinamentos diferentes do que a Lei (Torá) dos judeus ensinava. Alguns destes sermões são encontrados nas referências bíblicas de Mateus 15:1-20 e Marcos 7:1-23, quando Jesus faz uma crítica ao excesso de tradições adotado pelos anciãos, demonstrando que é muito mais importante preservar o coração do que seguir mandamentos como, por exemplo, lavar as mãos antes de comer. A outra maneira utilizada pelo Messias para comprovar sua divindade era por meio dos milagres realizados, dando uma nova interpretação a eles. Tais fenômenos eram a forma de apresentar o Reino de Deus aos homens, conforme Jesus diz: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 969). Por último, vale destacar a fala de William Lane Craig sobre a intimidade de Jesus para com o Deus Pai, conforme apontado no seguinte trecho:

Eis aqui um homem que se julgava Filho de Deus em um sentido bem específico, que afirmava agir e falar com autoridade divina, que se considerava operador de milagres e que acreditava que o destino eterno das pessoas dependia de acreditarem ou não nele (CRAIG, 2012, p. 252).

Então, através de tais milagres, Jesus não dizia simplesmente que era Deus, mas provava os seus ensinamentos por meio das curas, das demonstrações estupendas de poder sobre a natureza, dos ensinamentos transcendentais e inéditos, discernimentos divinos sobre as pessoas e, finalmente, de sua própria ressurreição dos mortos, que ninguém mais foi capaz de reproduzir. Portanto, quando Jesus, de acordo com Strobel (2001) dizia ser Deus, não estava mentindo, mas dizendo a verdade. Desta maneira, é possível apresentar as fontes como fidedignas e Jesus, o personagem delas, como alguém

que tinha algo a dizer. No entanto, para que entendamos um pouco mais acerca deste Homem-Deus cristão, é necessário examinar a sua revelação como Deus na terra.

2.1 Monstruosidade de Cristo

Para que possamos entender um pouco mais acerca deste ato em que o divino se revela aos homens, tomamos como base o debate filosófico sobre a vida de Cristo protagonizado pelo filósofo Slavoj Žižek (Ljubljana, 1949-) e o teólogo John Milbank (Kings Lanley, 1952-), que resultou na obra *Monstruosidade de Cristo*. Neste livro, os dois autores possuem uma ideia em comum: o conceito de monstruosidade formulado por Hegel (1770-1831) sobre Jesus Cristo. O primeiro é um ateu militante de esquerda que traz a seguinte abordagem neste livro. Usando-se de maneira apropriada das ideias de Hegel, Žižek (2014, p. 27) nos apresenta Cristo como o “monstrum (monstro) – ou seja, o excepcional que não pode ser explicado apenas em termos racionais – e, paradoxalmente, é aquilo sobre o qual repousa o racional.” O autor aponta, na mesma página, que tal processo ocorreu por meio da morte de Cristo, dando à humanidade a possibilidade de resistência no nascimento da Igreja corporificado no Espírito Santo e prossegue (Ibid., p.28) tomando a Revelação de Deus sem reservas, como *kenosis* absoluta, depois da qual a transcendência chegou ao cerne do mundo material completamente destituído da proteção que a transcendência garante. O filósofo marxista ainda afirma, (Ibid., p. 35) com base em uma citação de G.K. Chesterton (1874-1936), em que o autor britânico, assera em sua obra *As histórias completas sobre o padre Brown*, entre as páginas 394-395, as palavras “Ele se fez Homem”, escritas no Evangelho Segundo João e temidas pelo homem. Logo, o ato de Jesus se fazer homem é um acontecimento que comprova o processo da *kenosis*, que é o esvaziamento de Deus na forma de homem, acontecimento relatado pelo apóstolo Paulo na carta aos Filipenses: “Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1191). Žižek, nesta mesma obra, aponta que o intento da vinda de Cristo na terra é para que o homem se tornasse Deus, de modo que o sacrifício de Cristo é apenas uma precondição para que as criaturas humanas conhecessem a união com Deus. O autor esloveno ainda utiliza pensamentos de Mestre Eckart (1260-1328) para formular tal tese, pois Deus teria uma necessidade tamanha de nos procurar – exatamente como se toda a sua Divindade

dependesse disso, como na verdade depende. Já John Milbank é um teólogo anglicano inglês que foi professor e pesquisador de religião, política e ética na Universidade de Nottingham, onde também dirige o Centro de Teologia e Filosofia. Para ele, o processo da *kenosis*:

Toma partido da transcendência, que é totalmente revelada na *kenosis* de Deus em Cristo, mas não está comprometida no ato da Encarnação; com efeito, a Encarnação de Deus em Cristo liberta o mundo de si mesmo ao permitir a abertura para além do seu domínio. Tal ato salva o mundo de si próprio, abrindo um caminho que vai além do domínio material e segue além da vida infinitiva de Deus (MILBANK, 2014, p. 28).

Através de tal ato, Jesus veio a terra, a fim de cumprir a missão de salvar os pecadores, entretanto ainda há questões a serem respondidas: como classificar tal trajetória humano-divina dentro de um gênero literário? Será que é possível classificá-la como um mito ou como uma realidade? Para respondermos esta questão, escolhemos as falas de Mircea Eliade (1907-1986) em suas duas obras, *Sagrado e Profano* e *Mito e Realidade*, a fim de atestarmos mais sobre a questão de mito e realidade e categorizarmos mais a respeito da narrativa construída pelo português José Saramago, a fim de relacionarmos o seu conteúdo literário com as descobertas históricas e filosóficas que colocamos anteriormente neste trabalho.

3. A HISTÓRIA DE JESUS CRISTO A PARTIR DA LITERATURA

3.1 Uma leitura da obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* a partir dos escritos de Mircea Eliade

O autor romeno, Mircea Eliade afirma que o mito “é considerado uma história sagrada, portanto uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades” (ELIADE, 1991, p.12). Logo, o escritor deixa claro que, através dos ritos realizados nas sociedades antigas, é possível afirmar que a narrativa mítica é verdadeira e não fantasiosa, pois por causa dessa repetição, muito difundida pela tradição oral, tais representações podem ser consideradas como “sagradas”, ou seja, “Esse algo é “sagrado”, ou seja, transumano e transmundano, mas acessível à experiência humana”. (Ibid, p.124). Através de outra obra de Eliade, *O Sagrado e o Profano*, tal associação fica clara, porque “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história” (Ibid, 1992, p. 20). A partir

da narração dos mitos, o homem se aproxima do divino, pois os feitos narrados no mito se encarregam de fazer tal ponte entre o ser humano e Deus, possibilitando a existência de um “*homo religiosus*”, que são homens pertencentes aos povos antigos que valorizam a presença dos símbolos através das realidades presentes nos ritos, símbolos e mitos, assimilando-os como realidade que constitui uma dimensão ontológica das sociedades antigas, algo que, a partir de movimentos culturais ocorridos no ocidente como o Renascimento e o Iluminismo, o mitos perderam força e foram substituídos pela Palavra (logos). No entanto, a importância dessas tradições orais contadas de geração para geração é tão grande que nos possibilita compreender que, sem elas, não teríamos qualquer conhecimento acerca da existência destas sociedades. Atualmente, tais relatos são utilizados apenas para preservação documental, a fim de que as tradições dos povos fossem conhecidas pelas gerações seguintes, algo que sociedades indígenas, aborígenes e africanas ainda tentam fazer até os dias atuais. Quanto à pessoa de Cristo, o cristão, por meio da Bíblia, valoriza a história e entende que tais acontecimentos ocorridos no livro bíblico apresentam uma lição. Através desta trajetória, é possível compreender que os pensamentos simbólicos que fazem parte do cristianismo “explodem” a realidade imediata sem diminuí-la ou desvalorizá-la. Nesta perspectiva do real, o universo não é fechado e nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade: tudo permanece junto através de um sistema preciso de correspondências e assimilações. Atualmente, tais relatos são recontados pelos romances, um deles o escrito por José Saramago, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. A narração que é marcante dentro desta esfera literária substitui a recitação dos mitos e apresenta o romance a partir de uma forma classificada como profana, retirando em parte a figura do épico, seja no herói ou no divino. Apesar das diferenças, ambas as formas não estão imersas a um tempo cronológico, sendo possíveis de serem categorizadas como atemporais. O tempo em que um romance é lido não é o mesmo tempo em que um mito é contado. O romance é uma ficção, pois a criação desse mundo imaginário dentro desta escrita permite ao escritor não ficar preso a um tempo cronológico e sim utilizar artifícios para elaborar a narrativa a ser desenvolvida. Saramago, em *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, se utiliza de tal artimanha para construir o “mito” da vida de Jesus Cristo, adaptando-a a fim de que não ficasse presa aos tempos bíblicos e fosse compreendida pelo leitor moderno. Uma vez assimilados esses fatos, como compreender o diálogo que Saramago possibilita entre passado e presente?

3.2 Metaficção historiográfica: o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* na Modernidade

O Evangelho Segundo Jesus Cristo foi escrito pelo português José Saramago, autor de outros livros como, por exemplo, *Caim* (2009) e *Memorial do Convento* (1982), que são leituras desenvolvidas pelo próprio escritor a respeito de acontecimentos ocorrentes na esfera religiosa. Na obra em que retrata o Messias cristão, o narrador faz uma leitura a seu modo, em que “a ficção de Saramago permite que Jesus seja visto através de pensamentos, angústias, alegrias, sofrimentos e dores. Um personagem que vive em plenitudes nas 445 páginas desse novo Evangelho” (DA SILVA, 1999, p.2). Este mesmo Jesus saramagiano é inserido dentro de um gênero classificado como metaficção historiográfica, em que o autor não possui compromissos em criar a sua narrativa dentro dos relatos históricos presentes, mas utilizar, por meio da literatura, a sua própria leitura dos fatos, algo endossado pela pesquisadora Linda Hutcheon (1947-), que afirma em sua obra *Poética na pós-modernidade*:

à metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua autorrepresentação formal e de seu contexto histórico e ao fazê-lo problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética- apenas uma contradição irresoluta (HUTCHEON, 1988, p.136).

Ela prossegue examinando que tal obra de Saramago é comparável a uma conversa entre o presente e o passado, que “não é enquadrado nem apagado”, pois, “ele é incorporado e modificado, recebendo uma vida e um sentido novos e diferentes” (Ibid., p.45). Em consonância com tais ideias abordadas anteriormente, Hutcheon ainda afirma que esse projeto, sem ter nada do iconoclasmo do modernismo, demonstra a consciência crítica e o amor à história com a atribuição de novos sentidos a velhas formas, embora muitas vezes o faça com ironia. É evidente que, nesse caso, lidamos não apenas com as formas e a ornamentação clássica, mas com um novo e diferente enfoque de fabricação manual, sem tratar de uma exaltação da individualidade romântica ou mesmo do artesanato gótico. Portanto, a ornamentação está presente, todavia em um formato impessoal e que participa de uma padronização mecânica do modernismo (Ibid, 1988).

3.2 Jesus em O Evangelho Segundo Jesus Cristo

José Saramago, ao escrever em 1991 o *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, não nega o que foi escrito nos evangelhos bíblicos, entretanto o autor português deixa claro que:

há um encontro/ desencontro de fragmentos textuais recolhidos da Bíblia, dos evangelhos canônicos, dos evangelhos apócrifos (aqui cito Maria Madalena, Filipe, Tomé, Pedro, Judas Iscariotes), da história da Palestina dos primeiros setenta anos de nossa era, de Camões, de Fernando Pessoa, bem como a releitura e alusões referentes a obras pictóricas como a Crucificação, de Durer, a Madona da Serpente e São João Batista, de Caravaggio. (FERRAZ, 1937, p.13-38; apud SEGOLIN, 1999, p.5).

O enredo da história de Saramago começa justamente com o episódio da crucificação, contado a partir da perspectiva do autor e reencenado a partir de uma ótica atual, como se estivesse representando pela escrita o quadro *A Crucificação*, do pintor alemão Albrecht Durer (1471-1528), parodiando a própria fórmula de escritura que caracteriza o texto sagrado. O sacrilégio em Saramago está em tocar o modelo para dentro dele devorá-lo sabiamente numa paródia consciente de seu discurso (DA SILVA, 1999). Com base nessa retomada no enredo de uma crucificação que é pintada pelo próprio Saramago à sua imagem e semelhança, Teresa Cerdeira da Silva afirma que: “A ficção é um diálogo inesperado de toda a tradição cristã, não para bombardeá-la, mas fazê-la falar em tempos novos e não eternos” (Ibid, 1999, p. 9). Ou seja, de acordo com a autora, a obra saramagiana deseja dar atualidade ao texto e denunciar o discurso judaico a respeito de Maria. Logo, classificamos o texto como sacrílego, pois tal escrito é uma narrativa que se dispõe a ler o sagrado, com enfoque no divino, para consolidar uma nova forma a partir do paradigma saramagiano, em que o olhar é deslocado para o humano, desabsolutizando o centro imutável do divino (Ibid, 1999). Um exemplo disso é a alternância que Saramago faz com uma das falas de Jesus na cruz, pois, enquanto no Evangelho de Lucas o Messias cristão diz: “Pai, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p.1061), o evangelista saramagiano coloca na boca de Jesus o seguinte: “Homens, perdoai-lhe. Ele não sabe o que fez” (SARAMAGO, 1991, p. 444). Portanto, o protagonismo é dado por Saramago ao homem, fazendo com que a crucificação de Jesus fosse uma “falha” cometida pelo Pai, ao contrário daquilo que os Evangelhos afirmam, dando protagonismo ao divino por este descer aos céus, se fazer homem e receber a condenação cabível aos homens.

A partir dos aspectos literários na obra, o autor português afirma que a vida de Jesus inauguraria “uma interminável história de ferro e de sangue, de fogo e cinzas, um mar infinito de sofrimento e de lágrimas que abruma a humanidade” (SARAMAGO, 1995, p. 381). Tal história denuncia um priori hermenêutico que poderíamos chamar de “a lógica do poder” (BARCELLOS, p.1). Tal lógica para Deus seria a insatisfação do ser divino em ser apenas o Deus dos judeus, uma mania de “expandir a clientela”. Como um bom estrategista, Deus resolve criar o cristianismo, conforme comprovado nesta passagem, em que “o cristianismo seria produto de uma mente genial em sua capacidade de manipular as massas e manter essa mistificação ao longo do tempo, com uma sequência infundável de morticínio” (Ibid, 1999, p. 2). A culpa divina, segundo o autor português, é a principal causa para a ação de Deus Pai, a fim de que tal ciclo que existia entre Deus e a raça humana desde os tempos do primeiro homem, Adão, fosse quebrado, pois: “A culpa é a brecha através da qual o sistema penetra corações e mentes, transformando as próprias vítimas em construtores entusiastas do sistema que, de maneira inflexível, os domina e os esmaga por completo” (Ibid, 1999, p. 3). Esse pecado José Saramago coloca sobre os ombros de José, pai de Jesus e xará do autor (que ironia!). A culpa o atormenta após este livrar Jesus do massacre promovido por Herodes, o Grande, todavia o judeu não avisou os demais habitantes de Belém e o assassinato em massa ocorreu. Apenas José e sua família escaparam. O narrador não esboça empatia por José e o classifica como fraco, muito também através de uma fala na obra, quando um Jesus adolescente “joga na cara de José” tal episódio em Belém. O drama do carpinteiro é apresentado como um círculo fechado de culpa e castigo que apenas o cristianismo, através de Jesus, pode quebrar. Logo, o alívio de José viria quando Deus assumisse a culpa, o que ocorreu com o sacrifício de Cristo na cruz e que faz referência à tragédia de todo o homem, pois este, em uma eterna busca de si mesmo, entra em confronto com o divino e o demoníaco existentes dentro de si, algo que Saramago coloca na obra, a partir de um ângulo rigorosamente humano, pondo Cristo frente a frente com Deus, que estranhamente, o vê parecido com o diabo. Algo semelhante é feito por Zizek quando o autor esloveno apresenta Deus como um personagem semelhante à “uma máscara (uma caricatura) de “Demônio”, além de que a diferença entre o bem e o mal é interna ao mal” (ZIZEK, 2014, p.70). Portanto, vimos que o autor português tece suas críticas à Deus como um personagem dentro da obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, o que também se repete na obra Caim, quando o personagem do Antigo Testamento bíblico, Jó, perde todos os seus bens, sua família e sua saúde, enfim, Jó perdeu tudo. Como Deus mesmo afirmara a

Satanás que Jó era um servo bom, fiel, íntegro e que se desviava do mal, Satanás questiona a Deus se a fidelidade de Jó era um tanto mercenária, pois o homem era rico, cheio de posses e o maior do Oriente. Além disso, o Diabo incita Deus a estender a mão contra o personagem bíblico. A partir daí, Jó passa por uma série de infortúnios citados anteriormente e, no final de tudo, Deus não dá uma resposta direta sobre o porquê Jó passou por tudo aquilo, apenas fez com que Jó lembrasse do poder que Ele, como divino, tem de livrar seus servos na hora das provas. Assim, Jó crê em Deus e este restitui tudo aquilo que a vítima perdeu. Desta maneira, Jó encerra sua trajetória na Bíblia. Justamente pelo mesmo motivo que o personagem bíblico, há a necessidade de que Cristo morra, pois a honra, a glória e o poder de Deus estão em jogo, pois só por meio da expiação Deus se transformaria através da poderosa arma do perdão. O sacrifício de Cristo na cruz traria de volta o Homem ao paraíso, além de fazer com que a fama divina ultrapassasse as fronteiras da Palestina. Deus, mesmo após Jesus recusar eternamente a morte como Filho de Deus, diz as seguintes palavras: “Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência” (SARAMAGO, 1991, p. 444). Enfim, Cristo cumpriu com seu intento tanto nos evangelhos bíblicos quanto no evangelho saramagiano e, por isso, é considerado o maior personagem da história de todos os tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos fatos históricos, literários e artísticos apresentados, entendemos que Jesus realmente é o Messias cristão, pois os Evangelhos, apesar de suas diferenças específicas quanto aos relatos, nos atestam positivamente em relação à existência de Jesus, além de apontar que as obras feitas durante seu período ministerial na terra são verdadeiras. Em relação à questão filosófica, o que se vê é que a sua revelação (*kenosis*) foi importante para que os seres humanos se relacionassem novamente com Deus. Quanto à questão literária em si, vimos que a narrativa acerca da vida de Jesus elaborada por Saramago é encaixada como metaficção historiográfica, ou seja, sem priorizar uma fidelidade ao relato histórico em si, mas com a expectativa de elaborar uma leitura acerca dos relatos dentro de uma visão literária pretendida pelo autor.

Logo, concluímos que Saramago, o quinto evangelista, utiliza os Evangelhos para criar uma narrativa própria, assinando a obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* a partir de uma releitura dos personagens presentes na obra, como Deus/ Diabo e até o nosso

protagonista, o próprio Cristo. O que o autor português faz é pegar os relatos históricos acerca de Jesus que foram abordados nos Evangelhos, e categorizá-los à sua maneira, dando ares de modernidade ao romance e decretando a atemporalidade da história daquele que é o maior personagem da história: JESUS CRISTO.

REFERÊNCIAS:

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus:** quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BARCELOS, José Carlos. **Entre Pai e Filho:** o cristianismo dilacerado em O Evangelho Segundo Jesus Cristo, de José Saramago. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero8/pdfs/jose.pdf>. Acesso em 25/11/2018.

BÍBLIA SAGRADA. Mateus, Marcos, Lucas e João: Os Evangelhos. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011, 1280 p.

CRAIG, William Lane. **A apologética contemporânea** - a veracidade da fé cristã. 2ª edição. São Paulo: Editora Vida Nova, 2012.

DA SILVA, Teresa Cristina Cerdeira. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo ou a consagração do sacrilégio.** Disponível em: periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/15006. Acesso em: 25/11/2018.

DESCHAIN-Lucas. **O Sagrado e o profano** (Mircea Eliade) -2012-Disponível em: https://www.posfacio.com.br/2012/10/10/o-sagrado-e-o-profano-mircea-eliade/. Acesso em: 13/12/2018.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo.** Rio de Janeiro: Imago, 1988.

KARANTZEKIS, Nikos. **A Última Tentação de Cristo.** São Paulo: Círculo do Livro, 1957.

MILBANK, John; ZIZEK, Slavoj. **A Monstruosidade de Cristo**-org. por Creston Davis; trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

PIMENTEL, Samarkandra Pereira dos Santos. **Considerações sobre a poética do pós-modernismo.** Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22205/14525>. Acesso em 06/12/2018.

SARAMAGO, José. **Caim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAVALLI, Elaine Cristina Alves da Costa. **Sagrado, Profano, Mitos e Histórias**: uma visão de Mircea Eliade. 2010. 11 p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SEGOLIN, Fernando. **O Evangelho às avessas de Saramago ou o divino demasiado humano ou o Deus que não sabe o que faz**. Disponível em: periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/15002/11603. Acesso em 25/11/2018.

SELEPRIN, Maiquel José. **O mito na sociedade atual**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf. Acesso em 13/12/2018.

STROBEL, Lee. **Em defesa de Cristo**. Tradução de Antivan Guimarães Mendes, Hans Udo Fuchs. — São Paulo: Editora Vida, 2001.